

“TEORIAS TRANSCULTURADAS” OU A MIGRAÇÃO DE TEORIAS NA AMÉRICA LATINA

Eduardo F. Coutinho
UFRJ

No conto “São Marcos”, de *Sagarana*, que constitui uma de suas primeiras teorizações sobre a linguagem, Guimarães Rosa comenta num dado momento, através de seu narrador, que a população do Calango Frito, o arraial onde se passa a narrativa em questão, “não se edifica com os sermões do novo pároco Padre Geraldo”, pois, como diz o povo, “Ara, todo o mundo entende”, e “clama saudades das lengas arengas do defunto Padre Jerônimo, ‘que tinham muito mais latim’”.¹ Banal que seja a afirmação, e extraída de um contexto em que figura *en passant*, ela indica, contudo, uma atitude não só freqüente, mas dominante, no *modus vivendi* latino-americano — a mitificação do que vem de fora, revestido de uma capa de autoridade, que se expressa pela dificuldade de compreensão. O que é simples, facilmente assimilável pelo olhar corriqueiro, não tem *status*, não se impõe, pois, como diz o narrador do conto, “Ara, todo o mundo entende”; o povo queria latim, o incompreensível, que se impunha pelo seu cunho enigmático, pela dificuldade ou impossibilidade de decifração. Além do mais, tratava-se de um idioma estrangeiro, dotado portanto de respeito e admiração, e o idioma de uma instituição que não se podia contestar. Essa atitude, que Roberto Schwarz muito bem designou de “torcicolo cultural”², e que se expressa em quase todos os aspectos da vida cotidiana na América Latina, tem fortes raízes históricas, que brotam já no célebre episódio da Carta de Cajamarca³ e se desenvolvem por meio da constituição de “cidades letradas”⁴, formadas pelo domínio mítico da palavra escrita sobre culturas ágrafas. Com base nessa questão, que permeia todo o campo dos

¹ ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. 12ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970, p. 239.

² SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do lugar. *Ao vencedor as batatas*: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1981, p. 22.

³ Ver, neste sentido, CORNEJO POLAR, Antonio. *Escribir en el aire*: ensayo sobre la heterogeneidad cultural de las literaturas andinas. Lima: Ed. Horizonte, 1994.

⁴ Ver, neste sentido, RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.

estudos literários no continente latino-americano, faremos neste trabalho uma reflexão sobre o discurso da Teoria Literária, focalizando sobretudo o papel que desempenhou ao longo de seu desenvolvimento neste contexto e as transformações por que vem passando mais recentemente.

Em estudo hoje clássico sobre o assunto, intitulado “Traveling Theory”, Edward Said discute a migração da Teoria Literária de um contexto para outro e as transformações por que esta passa como decorrência inevitável desse processo. Idéias e teorias migram, afirma o autor, de “pessoa para pessoa, de situação para situação, de um período para outro”⁵, a circulação de idéias é uma condição básica da atividade intelectual; contudo, é preciso examinar-se as mudanças ocorridas nesse processo, o grau de transformação por que elas passam, de modo a poder-se compreender não só seu sentido e função no novo contexto, mas também a relação entre este e seu lugar de origem. Uma leitura não é jamais neutra ou inocente, continua Said, ao contrário cada texto e cada leitor traz sempre marcas muito fortes de seu *locus* originário; assim uma teoria não pode ser totalmente desvinculada desse *locus*. Além disso, seu transporte para um outro contexto não é gratuito; antes tem a ver com afinidades existentes entre os dois locais ou momentos que não podem passar despercebidas. Uma teoria não pode ser nunca totalmente abrangente, do mesmo modo que as representações da vida humana não se podem esgotar por meio de simulacros, modelos ou abstrações teóricas. A teoria, em suma, como toda a produção intelectual ou cultural, é um fenômeno histórico, e como tal deve ser contextualizada.

A fim de ilustrar como uma teoria se modifica quando transportada para um outro contexto, Said examina as teses de Lukács primeiro em seu local de origem e, em seguida, a partir das leituras que delas fizeram Goldmann e mais tarde Raymond Williams. Lukács

⁵ SAID, Edward. Traveling Theory. In: _____. *The World, the Text, and the Critic*. Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press, 1983, 226-48, p. 226.

desenvolve sua teoria da reificação, e conseqüentemente da consciência de classe, na Budapeste de 1919, imbuído do espírito revolucionário de um intelectual envolvido em uma luta concreta, a construção da República Soviética Húngara. Já Goldmann apresenta sua leitura de Lukács sob a forma de tese de Doutorado de um intelectual engajado na Paris do meio do século, e Williams lê o primeiro não só através do último, mas como um intelectual treinado pelas técnicas do New Criticism na Cambridge de 1970. O resultado é que na leitura de Goldmann a noção de consciência de classe se transforma em um imperativo acadêmico e por conseguinte na expressão de uma situação social tragicamente limitada, e na de Williams em uma espécie de “teoria de reflexo”, já discernível, segundo ele próprio na visão de Goldmann. No entanto, Said não vê a apropriação feita pelos últimos da teoria de Lukács como negativa. Se é verdade que as leituras realizadas podem, por um lado, haver reduzido a dimensão de suas formulações e institucionalizado seu fervor revolucionário, por outro, elas lhes conferem um novo alcance, como é o caso em Williams que se serviu das idéias de Lukács para construir suas próprias teorias sobre as relações entre literatura e sociedade. Para Said, a peregrinação da teoria é um fato altamente positivo, como ele deixa claro em outro ensaio sobre o mesmo assunto, ao afirmar que “o trabalho da teoria . . . nunca está terminado”, e que sua “função . . . é assim viajar, mover-se sempre para além de suas fronteiras, emigrar, permanecer em certo sentido no exílio”⁶, e seu cunho de positividade decorre justamente do intercuro estabelecido entre seus contextos de produção e de recepção.

Esta visão da Teoria Literária como um discurso situado historicamente nem sempre, porém, esteve em vigor. As correntes imanentistas que dominaram os estudos literários em

⁶ SAID, Edward. *Traveling Theory Reconsidered*. In: POLHEMUS, Robert M. and HENKLE, Rogers B., orgs. *Critical Reconstructions: The Relationship of Fiction and Life*. Palo Alto, California: Stanford Univ. Press, 1994, 251-65, p. 264.

meados do século XX, somadas ao anseio totalizador que varreu o Ocidente no período posterior à Segunda Guerra Mundial, lançaram seus adeptos em uma busca desenfreada de modelos para a apreensão do fenômeno literário, que eram generalizados e extensivos a todo e qualquer contexto, independentemente das circunstâncias em que a obra ou seu equivalente era produzida. A palavra de ordem nessa época era a construção de leis ou regras, que fossem válidas em quaisquer instâncias, e servissem para explicar o produto, sem levar em conta diferenças específicas. O discurso da Teoria Literária adquirira foros de universalidade, calcado em uma falsa pretensão de erigir-se como científico, e tornou-se ahistórico, totalizador. Os modelos criados com base nesse espírito revestiram-se da autoridade normalmente atribuída ao discurso científico e institucionalizaram-se, passando a ser vistos como uma espécie de dogmas a serem observados. O resultado foi o esvaziamento do sentido originário da teoria como reflexão (observe-se que em sua etimologia a palavra encerrava os sentidos de “contemplação”, “olhar”) a partir da própria literatura, e sua substituição pela aplicação indiscriminada de modelos privilegiados aleatoriamente. Com isso, invertia-se a perspectiva dos estudos literários, que passava da reflexão concreta baseada em textos à aplicação quase mecânica de construções abstraídas de seu contexto histórico.

Nesse período, a migração de teorias de um meio intelectual para outro foi, como era de se supor, intensa, mas quase sempre realizada por uma via de mão única, que deu margem a uma perspectiva nitidamente etnocêntrica. Como os pólos talvez mais avançados dos estudos literários localizavam-se nas grandes metrópoles do oeste europeu e os teóricos mais atuantes achavam-se radicados lá ou provinham desses locais, suas formulações eram exportadas em grande escala para todo o mundo e aplicadas indiscriminadamente a qualquer contexto. Além

disso, como suas teorias haviam partido de uma reflexão sobre um *corpus* literário oriundo dessas metrópoles, esta produção erigia-se como modelar. O resultado foi uma visão profundamente eurocêntrica e monocultural, que tomava tanto a literatura européia quanto sua reflexão teórica como grande referencial canônico e atribuía às demais produções provenientes de outras regiões a pecha de periféricas. Esta visão, que atingiu seu apogeu nos anos dourados do Estruturalismo francês, vem sofrendo intenso questionamento da década de 1970 ao presente, graças às contribuições de correntes do pensamento contemporâneo como a Desconstrução, a Nova História e os chamados Estudos Culturais e Pós-Coloniais, mas suas marcas ainda se fazem sentir em esferas como o meio acadêmico, em especial através das monografias apresentadas e das teses e dissertações defendidas. Não é raro ainda ver-se, em trabalhos dessa ordem, uma divisão em duas partes, a segunda delas consistindo na aplicação de determinada teoria, exposta na primeira, a um *corpus* muitas vezes oriundo de contexto não só distinto como claramente inadequado.

O transporte de uma teoria para um novo contexto com a consciência clara das diferenças histórico-culturais entre seu lugar de origem e de recepção é um dos grandes desafios por que passa qualquer crítico ou teórico da literatura ou da cultura, pois, mesmo nos casos em que esta consciência está presente, interferências na apreensão de um dos contextos podem levar a interpretações muitas vezes duvidosas. Em ensaio intitulado “National Culture/International Theory”, David Damrosch⁷ alerta para este risco, mostrando como tais enganos têm ocorrido até com os maiores críticos do Ocidente, e cita o exemplo de Barthes que, em seu *Mythologies*, critica com veemência a exposição de fotografias “A grande família dos homens”, do norte-americano Edward Steichen, que ele visitara em Paris em 1955. A exposição, que consistia numa montagem ambiciosa de uma quantidade de imagens extraídas da vida cotidiana de todo o

⁷ DAMROSCH, David. National Culture/International Theory. In: COUTINHO, Eduardo F., org. *Fronteiras imaginadas: cultura nacional/teoria internacional*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, 97-105

mundo, muitas delas inclusive com um tom de denúncia social, foi reduzida na crítica de Barthes praticamente a um grande painel que enfatizava a essencialidade da condição humana, dissociada de qualquer sentido da história. Para Damrosch, a crítica de Barthes não é improcedente, mas, segundo ele, o que Barthes não teria visto é que a exposição, montada originariamente em Nova York para um público de pós-guerra tinha um objetivo claro e que era nitidamente político – angariar fundos para as reconstruções do período e conseqüentemente assegurar a posição de liderança dos Estados Unidos na política de pós-guerra. É verdade que Barthes visitara a exposição em Paris e que ele a vira pela ótica de um francês ali residente, mas sua falha, segundo Damrosch, residiria em ter feito sua crítica com base em valores universais, como se a exposição tivesse um sentido inerente, que permanecesse inalterado.

Na América Latina, os estudos literários sofreram uma grande transformação nas décadas de 1960 e 1970, passando do periodismo para o meio acadêmico, e das mãos dos críticos em geral para as de professores e pesquisadores universitários⁸. Tal transformação, contudo, se por um lado deu ensejo à profissionalização desses estudos, substituindo um tipo de apreciação diletante pela investigação sistemática da literatura, por outro levou a uma mistificação da disciplina acadêmica que adquiriu foros de ciência. E como a visão que norteava esses estudos à época em que se verificou essa mudança era a do Estruturalismo, com sua pretensão de construção de modelos universais, tal corrente caiu como a sopa no mel nesse contexto. Além de fornecer o respaldo necessário para o prestígio dos estudos literários com seu cunho universalizante, pretensamente científico, ela trazia o rótulo de produto de importação, e portanto altamente abalizado. A conseqüência imediata foi a importação em massa das teorias

⁸ Ver, neste sentido, COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Distribuidora de Livros Escolares, 1975.

estruturalistas e sua aplicação generalizada na Crítica e no ensino da Literatura. As formulações teóricas dos estruturalistas europeus, ou, no caso, mais especificamente franceses, chegavam com presteza às universidades da América Latina e eram logo aplicadas, de maneira dogmática, a qualquer obra literária, sem que se levassem em conta suas especificidades e as diferenças entre o seu contexto histórico-cultural e aquele onde elas haviam brotado. As teorias migravam, mas de modo descontextualizado, ou melhor, isentas de qualquer sentido da história, e como o itinerário que elas percorriam era sempre unilateral, ratificava-se a postura etnocêntrica já presente em suas bases⁹.

O cunho universalizante das teorias estruturalistas começou a ser posto em xeque nos anos de 1980, com o influxo da Desconstrução e das demais correntes do pensamento que foram gradativamente ocupando o cenário acadêmico latino-americano, mas o hábito de se importarem teorias sem consciência das diferenças contextuais permanece ainda hoje vivo, tendo apenas deslocado seu ponto de partida. É verdade que a América Latina já tinha desde o século XIX uma forte tradição ensaística, marcada pela preocupação com a constituição de um discurso crítico-teórico próprio, que se estende desde Bello e Sarmiento aos nossos dias, passando pelos teóricos do indigenismo e pelos sociólogos brasileiros da geração de 1930, mas na prática universitária das últimas décadas continua a prevalecer um respeito mítico pelas formulações teóricas importadas e uma ênfase sobre a teoria *tout court*, que passou a isolar-se muitas vezes numa espécie de torre de marfim. No primeiro caso, chame-se atenção para a perspectiva acrítica com que continuam penetrando no meio acadêmico latino-americano as teorias provenientes de contextos primeiro-mundistas, agora mais freqüentemente da América do Norte, e no segundo caso mencione-se a quantidade de cursos ou teses universitárias voltados quase exclusivamente

⁹ Para uma discussão mais ampla sobre esta questão, ver COUTINHO, Eduardo F. Sem centro nem periferia: é possível um novo olhar no discurso crítico latino-americano? In: *Literatura e memória cultural: 2º Congresso ABRALIC – Anais*. 3 vols. Belo Horizonte: ABRALIC, 1990. Vol. 1, p. 621-33.

para uma discussão teórica distanciada de qualquer *corpus* de textos sejam eles literários ou não. Nesse caso, a teoria parece ter perdido seu sentido originário de “contemplação, olhar, reflexão”, presente no termo grego de onde provém, e de ter-se tornado uma mera abstração.

A importação de correntes teóricas diversas oriundas de pontos diferentes é prática cujos benefícios não cabe absolutamente pôr em dúvida; o que se questiona, contudo, é o teor dessas importações, feitas ainda em grande escala de modo acrítico e indiscriminado. Não é possível, infelizmente, dadas as dimensões deste ensaio, penetrarmos num exame detalhado de casos, mas não podemos tampouco nos furtar a mencionar alguns destes, se não mais, pela repercussão que tiveram e continuam tendo ainda hoje. Assim, a título de amostragem, fiquemos com o caso da importação das teorias sobre o Pós-Modernismo e das teorias do Multiculturalismo. Oriundas do contexto norte-americano e tendo tido grande penetração no meio intelectual europeu, as teorias sobre o Pós-Modernismo chegaram à América Latina na década de 1980, desencadeando no meio universitário um amplo debate sobre a sua aplicabilidade ao contexto latino-americano. É verdade que nessa discussão houve muitas vozes dissonantes, mas não foram infreqüentes as análises da produção literária e cultural latino-americana do período com base numa espécie de poética construída a partir de traços extraídos de textos norte-americanos ou europeus considerados representativos do movimento. Além disso, obras de gerações anteriores como as da narrativa dos anos de 1950 e 1960 (a narrativa do chamado “boom” do meio do século), foram muitas vezes tidas como pós-modernas por apresentarem traços do que a crítica norte-americana e europeia considerava próprias desse estilo. Assim, em vez de se investigar se a produção latino-americana do período poderia ser vista como pós-moderna, seja por diferir da anterior considerada moderna no mesmo contexto ou por apresentar denominadores comuns com relação à produção considerada pós-moderna no contexto euro-norte-americano, internalizava-se

simplesmente o olhar forâneo e tentava-se classificá-la com base na referida poética, ocasionando graves anacronismos.

Do mesmo modo, as teorias do Multiculturalismo, importadas nas últimas décadas do meio acadêmico norte-americano, apresentam, por razões similares, graves distorções. Ao serem introduzidas no contexto latino-americano, marcado por uma espécie de “ideologia da mestiçagem”, que neutralizava diferenças importantes, tais teorias tiveram um papel significativo no reconhecimento dos diversos grupos étnico-culturais que habitavam o continente e na aceitação de seus valores representados através de toda uma produção até então excluída e que passou a fazer parte dos estudos literários e culturais do continente. No entanto, como sua introdução no novo meio não foi, na maioria das vezes, acompanhada de um filtro crítico que focalizasse as diferenças entre os dois contextos, questões fundamentais foram deixadas de lado, como a do processo segregacionista que marcava o contexto norte-americano em que elas haviam surgido em oposição ao processo de miscigenação presente na constituição do universo latino-americano. Assim, a miscigenação, que encerrava uma série de aspectos complexos e até contraditórios, foi tomada apenas como mais uma teoria assimilacionista à maneira do *melting pot* norte-americano, e encarada exclusivamente pelo seu lado de neutralizador de diferenças. Do mesmo modo, o multiculturalismo, também uma faca de dois gumes, foi visto como verdadeira panacéia, deixando-se de perceber por outro lado, a política de guetização que encerrava, favorecendo, como em seu contexto de origem, a manutenção endogênica de culturas¹⁰.

Essa prática de se importar idéias, decorrente dos tempos coloniais, sempre teve, conforme mencionado, uma contrapartida, manifestada sob a forma de busca de uma expressão própria, mas raras foram as vezes em que essa expressão foi identificada com o “autóctone”. Ao

¹⁰ Para uma discussão mais ampla sobre esta questão, ver COUTINHO, Eduardo F. Multiculturalism and Miscegenation in the Construction of Latin America's Cultural Identity. In: SEIXO, Maria Alzira, et al., org. *The Paths of Multiculturalism: Travel Writings and Postcolonialism*. Lisboa: Cosmos, 2000, 201-14.

contrário, o que prevaleceu, sobretudo ao longo do século XX, tanto na literatura e nas artes quanto na ensaística, foi um filtro crítico, antropofágico ou transculturador, que realizava uma operação de assimilação seletiva no material importado, dando origem a algo novo que mantinha aspectos das contribuições estrangeiras, mas misturados com dados da tradição local que também apresentavam uma face discernível. Foi isso que se verificou, por exemplo, no Modernismo brasileiro e nas diversas Vanguardas do início do século XX na América Hispânica, bem como na maior parte da ensaística de meados do século, voltada para a construção de uma identidade cultural. No entanto, se esse processo transculturador foi prática corrente em searas como as mencionadas, no âmbito estrito da Teoria Literária só muito recentemente têm surgido tentativas neste sentido. Não seria já tempo, por exemplo, de se falar de um “multiculturalismo transculturado” ou de um “feminismo antropofágico”, isto é, de um multiculturalismo ou de um feminismo que levassem em conta as diferenças do contexto latino-americano em relação ao contexto euro-norte-americano em que tais teorias surgiram e se desenvolveram? E ao tentar-se um discurso desse tipo não se estaria fazendo justamente o que Said propunha no ensaio com que foi iniciada essa reflexão, ou seja, não se estaria exatamente levando em conta o contexto de produção e o de recepção das teorias em questão?

Tais indagações parecem, contudo, ainda muito incipientes no meio intelectual latino-americano. Ao invés disso, o que se observa com mais frequência, ao menos no âmbito do ensino, é a importação acrítica de correntes teóricas ou, o que ainda parece mais problemático, o mergulho no âmbito da Teoria, dissociada de qualquer prática efetiva. Revestida de um teor de autoridade, decorrente talvez da identificação estabelecida no período estruturalista com o discurso da ciência, e mais tarde no pós-estruturalista com o da filosofia, a Teoria é explorada

muitas vezes pelo prestígio que confere, exercendo um papel talvez bem próximo ao do latim nos rituais da Igreja tradicional. Em países onde pouco se lê, e onde raras vezes se ensina a refletir sobre essas parcas leituras, ensinam-se, em vez de a teorizar, teorias importadas sem se estabelecerem seus vínculos com o contexto de recepção, mantendo-se assim, pela falta de questionamento, uma postura de no mínimo subserviência com relação ao produto forâneo. Além disso, ao mitificar essas teorias, tornando-as símbolos de *status* de quem as professa e as absorve, aprofunda-se, em vez de atenuar-se, a distância entre os dois pólos do ensino – os lugares do professor e do aluno – tornando-se conseqüentemente mais difícil qualquer transposição de barreiras. Não seria já tempo, se poderia perguntar em conclusão, de os intelectuais latino-americanos deixarem de lado as “lengas arengas” mencionadas pelo personagem rosiano no início desse texto, e procurarem “se edificar com os sermões do novo pároco”?